

TRAÇOS DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE LUZIA:

UMA LÍDER DO MST-TO¹

Gislaine da Nóbrega Chaves² - UFT

No dia 17 de abril de 2004, entrevistamos Luzia³, no Projeto de Assentamento Alecrim, que nos revelou aspectos dramáticos, circunstanciais e íntimos de sua vida. Relembrou momentos de sua infância, adolescência, e vida adulta marcados pela experiência da fome, do trabalho, do desemprego, de sua inserção no Movimento Sem Terra - MST, e da solidão das lideranças, denominadas, por ela, de “Guerreiros Solitários”. Afirma não ter tido oportunidade de ser professora, de freqüentar uma faculdade, mas acredita que ainda terá chance de fazer isso. Um dos seus sonhos consiste em recuperar o tempo perdido.

Uma vida traz consigo as marcas identitárias e sócio-históricas de seu tempo, constituindo-se enquanto terreno pantanoso, onde nada é fixo, inflexível e imutável. O tempo vivido por Luzia não é mais aquele em que as mulheres viviam à sombra de seus maridos; não é aquele vivido por Elizabeth Teixeira ou Margarida Maria Alves⁴. O tempo de Luzia aproxima-se do tempo vivido por Diolinda, cujas mulheres no campo enfrentam, juntamente com seus companheiros, os sabores e dissabores da luta pela terra e sua permanência nela. Para isso contribuiu o movimento feminista em lutas que romperam os limites da ação das mulheres rumo à conquista de sua cidadania, no campo e na cidade⁵.

A história de vida de Luzia revela aprendizagens voltadas para o saber escutar, saber sentir e agir⁶; saberes de uma cultura apoiada em princípios éticos e morais de “solidariedade” e honestidade. Revela também as amarras de uma formação religiosa conservadora que supervalorizou a virgindade e a unidade familiar em torno do modelo idealizado de família nuclear burguesa trazida da Europa para o Brasil.

Todavia, a narrativa de nossa colaboradora demonstra que embora tenha seguido os padrões sociais tradicionais, “...casando conforme manda o figurino...”, acaba por romper com o modelo nuclear burguês quando se separa do marido e cria os filhos e filhas,

inserindo-se no modelo familiar matrifocal⁷. Ela manteve, portanto, o núcleo familiar mesmo com a saída do homem, por meio de uma educação dialógica⁸, e com projetos coletivos partilhados com sua prole.

Conforme ela mesma afirma, quando passou a fazer parte do MST-TO suas condições econômicas foram modificadas, conseguindo se manter juntamente com sua família, tendo, portanto, uma qualidade de vida significativamente melhor. Por possuir determinadas características condizentes com o perfil de líder proposto pelo MST, passou então a ocupar certas funções na coordenação estadual. Todavia, quando assumiu o cargo de presidente da associação afastou-se do MST-TO para conduzir os trabalhos comunitários. Vale destacar que já houve uma crise de liderança na gestão anterior e, quando Luzia assumiu a presidência, sua intenção era de revitalizar a gestão da associação. Entretanto, no período em que realizamos a pesquisa, em momento algum nossa colaboradora organizou ou fez funcionar uma assembléia no assentamento.

Em conversa informal, uma das lideranças informou-nos da crise quase generalizada que assola as áreas de assentamento sob a orientação do MST-TO. Esse fato não é algo particular às associações orientadas pelo MST-TO, pois, no Estado da Paraíba, Ieno Neto observou em algumas áreas essa realidade recorrente, acrescentando que, muitas vezes, o trabalhador rural quando assume a gestão, por conhecer apenas uma forma vertical de poder, inspirada no modelo patrão/empregado, acaba por reproduzi-la nas áreas de assentamento⁹. Ressaltamos, no entanto, que a tendência encontrada na gestão de Luzia apresenta-se mais frouxa, aproximando-se do modelo populista de governar.

Reforçamos que as lideranças do MST-TO estão sendo formadas e em processo de transição – de ruptura/continuidade com certos elementos da cultura burguesa. Por isso, vulnerável aos apelos e seduções do poder local. Conforme Freire, o processo de libertação do sujeito é também um processo de auto-libertação e esta ocorre pela via da cultura¹⁰. O que demonstra também que determinadas questões, relacionadas à concepção de uma sociedade democrática, não foram atingidas em sua plenitude pelo movimento, e somente o movimento da história poderá nos fornecer elementos para uma análise aprofundada.

Além disso, talvez o projeto das lideranças que já tiveram seu processo de formação consolidado, não seja realmente o de Luzia, que se encontra dividida entre melhorar as condições sócio-econômicas da família, com o possível ingresso de um dos filhos na profissão de jogador de futebol, e “servir a causa do povo do assentamento”.

Não se deve negar da história o episódico e o circunstancial. A história familiar de Luzia, cuja infância e adolescência foram marcadas pela doença do pai e pelo trabalho, demonstra isso. O engajamento desde cedo no trabalho apresenta-se também como continuidade histórica, cabendo-nos questionar: quantas crianças e adolescentes de condição social menos abastada não têm que trabalhar para auxiliar no sustento de suas famílias? Quantas não foram interditadas de freqüentar a escola? E o que dizer do trabalho infantil, cuja extinção constitui um desafio para os poderes públicos do país, bem como para as organizações não governamentais e para os Movimentos Sociais?

A infância e adolescência de Luzia, marcadas pela fatalidade e pelo trabalho, sem oportunidades para o estudo, para o lúdico ou lazer nos revela, que, se considerarmos o fator geracional, há uma possibilidade de descontinuidade na história dos filhos e filhas dos trabalhadores rurais atualmente. Isto é, a mentalidade dos pais e mães, no campo, já não é a mesma – há um reconhecimento das famílias, quanto ao papel da escola na formação de seus filhos e filhas. Além disso, existe uma luta dos movimentos sociais no campo, pelo acesso e qualidade nas escolas rurais, bem como pela Reforma Agrária, que abriga em si espaço para uma melhoria na qualidade de vida desses sujeitos.

No Projeto de Assentamento Alecrim – TO, a qualidade de vida das crianças e adolescentes tende a mudar, pois se seus pais e mães, outrora ocuparam seu tempo e suas vidas com o subemprego nas cidades, ou como peões nas fazendas do norte goiano, atualmente tornaram-se pequenos proprietários, e, por meio do processo de Reforma Agrária, com possibilidade de alimentar melhor sua prole.

O modelo familiar idealizado, o nuclear burguês, permeia o discurso de nossa colaboradora, e ela ressentia-se de não ter podido sustentar esse modelo. A sua família vivida – a matrifocal – foi formada por ela e seus quatro filhos, sem a presença masculina.

Talvez ela desejasse os poderes presentes no domínio do espaço privado, advindos do cuidado com os filhos, e da assunção do papel de chefe de família. Percebe-se a sutileza dessa subjetividade quando a nossa colaboradora menciona não ter se unido, novamente, a outro homem “para que seus filhos não fossem maltratados”.

A família constituída por Luzia parece romper com a hierarquia presente no modelo nuclear burguês quer entre homem/mulher, quer entre filhos. Ela afirma sentir solidão pelo fato de parte dos filhos terem casado, mas está feliz por poder trabalhar para o povo, estendendo os “cuidados de mãe” ao trabalho com a comunidade.

Revela também que no ambiente familiar sempre gostou de escutar e conversar com as pessoas mais velhas, para ter conhecimento das histórias e vivências dos indivíduos. Ela reflete sobre sua história de vida e considera que isso a ajudou a “abrir caminho” no MST para conhecer, aprender a ler e ter mais conhecimento sobre a cultura.

As aprendizagens adquiridas por meio dos papéis de filha, esposa e mãe, inspirada na pedagogia do cuidado com os irmãos, filhos e marido é estendida à comunidade. Sua família a ensinou a ser “solidária”, honesta e a confiar nas pessoas. As aprendizagens relacionadas à solidariedade, segundo nossa colaboradora, foram ensinadas pelo pai que em estado de doença, acreditamos, deve ter permanecido mais tempo no espaço doméstico que a mãe de Luzia, e com a incumbência de cuidar dos filhos. Nesse caso, a fatalidade pode ter provocado uma *situação de excepcionalidade*, contribuindo para uma inversão de papéis¹¹.

A narrativa de Luzia sugere que a família pode se tornar um importante *lócus* de discussão e aprendizagens que contribua para a mudança na história de vida dos sujeitos nas áreas de assentamento. A família liderada por ela constitui o avesso à formação familiar tradicional e nuclear, modelo composto por pai, mãe e filhos. Com o advento da modernidade, a família adquiriu nova configuração e papel; vivenciamos um novo momento sócio-histórico – o das famílias complexas composta por pai e filhos, mãe e filhos, avós e netos, tios e sobrinhos, casais homoafetivos...etc.

Noutro momento, afirma ser “Mãe, Irmã e Filha” no interior do assentamento. Ela se sente “Mãe” de todos, não sabendo classificar se isso é paternalismo. As pessoas a procuram nas mais diversas situações - questões relacionadas à associação, saúde, religiosidade ...- e são por ela atendidas. Assim, difunde-se o mito da grande mãe, constituindo-se em um viés paternalista que não condiz com a ideologia disseminada pelo MST-TO.

Os vários papéis sociais da liderança feminina e as aprendizagens obtidas na educação informal (familiar) convergem para a formação da identidade sem-terra, demarcando também territorialidades¹² numa geografia do afeto pelo lugar¹³, pela terra e pelo MST. Sendo assim, Luzia afirma ter adquirido mais conhecimentos por meio das místicas do movimento do qual ela muito se orgulha de ter participado, desejando a ele retornar quando deixar a presidência da associação.

Afirma também o desejo de socializar o que aprendeu, disseminando os saberes aprendidos para outras áreas de acampamento e assentamento do MST. Ela reafirma sua paixão pelo Movimento em várias passagens da entrevista, reforçando a questão da territorialidade quando diz que não pretende deixar o assentamento, pois foi onde encontrou vida digna para si e seus filhos. Para ela, o assentamento e o movimento constituem o seu “lugar de ficar”.

Luzia afirma ser uma pessoa feliz. Boa parte dos filhos já estão casados, e dentre eles, um sonha em ser jogador de futebol. Nisso, ela confessa que irá ajudá-lo para ver se a vida da família melhora. Esse dado revela o desejo de elevar o nível econômico da família. Nesse momento de sua vida, considera-se bonita, afirmando que o pai era negro, que ela é negra e se orgulha disso; acha a sua cor muito bonita e nunca teve dificuldades em assumi-la, destacando o aspecto étnico de sua identidade para além da face sem-terra.

A família, em sua diversidade histórica e cultural, apresenta-se como campo de possibilidades para a reflexão e o diálogo – alguns dos espaços propícios à mudança de mentalidade quando se inicia o exercício de escuta, que é bem mais do que simplesmente saber ouvir, mas problematizar a realidade na qual os indivíduos estão inseridos¹⁴. Na

família que Luzia constituiu, percebemos a distância entre o modelo nuclear burguês de família e a realidade enfrentada por ela e os filhos diante das adversidades econômicas e sociais da época.

Para Luzia, sua história de vida pode ser demarcada entre o antes e depois de seu ingresso no MST-TO. Ela se orgulha de ter participado do movimento e deseja retornar a ele, em função das oportunidades que este agente social e pedagógico assume quando falta o Estado que, agindo com descaso diante de demandas sociais, acaba por constituir-se enquanto agente de violência contra as populações do campo e da cidade.

Luzia traz em sua educação informal as marcas da tradição e da inovação – mesclando religiosidade popular, valores como virgindade, honestidade, “solidariedade”, confiança no outro, unidade familiar com as aprendizagens disseminadas pelo MST-TO como, por exemplo, a auto-avaliação, a aceitação do outro e a busca do acerto. Confessa ser meio estourada e agressiva, que compreende essas características como parte da natureza humana, mas procura controlá-las, demonstrando, assim, a busca de equilíbrio emocional – aspecto da subjetividade dos sujeitos trabalhados nos processos de formação desencadeados pelos movimentos populares.

Uma novidade histórica nessa área de assentamento é justamente o fato de que, ao contrário do que poderíamos imaginar, na zona rural, espaço de influência de uma cultura patriarcal arraigada, está havendo uma tendência à mudança nos valores tradicionais, e a mulher tem ocupado os espaços da esfera de domínio público, atuando como presidente de associação, conselheira fiscal, coordenadora de núcleos de família, de setores, da coordenação estadual, nacional etc. Sendo assim, o MST minimiza desigualdades no assentamento, ao educar incluindo mulheres em funções antes ocupadas, exclusivamente, por homens.

Ademais, alguns contrapostos foram identificados, a partir da história de vida de Luzia: o primeiro apontou para uma ruptura entre o modelo de família nuclear burguesa e a realidade vivida por muitas famílias de baixa renda no Brasil, que, historicamente, não conseguiram se enquadrar nesse modelo. O segundo apontou para a organização familiar

das lideranças – variável em sua composição, mas ensejando relações de gênero que tendem à horizontalização. O terceiro contraponto relaciona-se à distância existente entre a história de vida de Luzia e o cotidiano vivido pelas famílias assentadas no PA Alecrim, em sua maioria, formadas pelo padrão pai, mãe, filhos e/ou filhas, mas tendendo a inverter o modelo patriarcal de família.

Historicamente, não se pode falar em um tipo de família, mas na categoria família como um termo no plural, considerando-se a diversidade espacial e temporal em que elas se constituíram. Essa multiplicidade cultural de ser e de viver família pode ser observada por meio das variadas formas de organização familiar que existiram, existem, surgem e ressurgem em função de mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais nas sociedades. Além disso, as formas de ser e viver são plurais, podendo homens e mulheres viverem também sozinhos, sem, necessariamente, constituírem família.

Ariès, recorrendo a uma iconografia de época, situa o surgimento do sentimento de família na Europa, por volta do século XVI, quando a família começa a se desenvolver centrada na figura do pai e mais frouxa no que concerne à interferência da comunidade em assuntos domésticos, especialmente entre as famílias mais abastadas¹⁵. Por volta do século XVIII, essa noção de vida particular alastrou-se, tendo sido a família contemporânea influenciada por esse sentimento de família inspirado no modelo europeu¹⁶.

A categoria família pode ser conceituada como “...un grupo social que cohabita en un mismo espacio y tiene por objetivos comunes la cooperación económica y la reproducción...” (SIMONIAN, 2003, p. 397)¹⁷. Esse conceito aproxima-se da realidade vivida no campo em que o grupo familiar funciona como um sustentáculo de seus membros, da comunidade e do próprio movimento do qual fazem parte como grande família sem-terra. No seu sentido subjetivo, transcende os laços de sangue. Isto é, pode ser compreendida como um coletivo/comunidade no enfrentamento das lutas cotidianas¹⁸.

Enfim, por meio da história de Luzia pudemos enxergar rupturas e permanências, continuidades e descontinuidades nos jeitos de ser e viver família no meio rural. Outrossim, ressaltamos a relevância da categoria gênero e família para os estudos no campo da

história, no que tange aos aspectos conceituais e metodológicos, pois traz à tona aspectos relacionais e identitários do gênero enquanto construção social. Ademais, no que tange aos novos objetos de estudo, amplia o “olhar” do historiador, ao propiciar a relação de temas voltados para a “micro-história” com o contexto social, econômico, político e cultural dos indivíduos¹⁹.

¹ Síntese de alguns resultados de relatório de pesquisa orientado na Universidade Federal do Tocantins-UFT, durante o período 2003-2004, com bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC. Orientado: Diêgo Araújo Silva.

² Professora da Universidade Federal do Tocantins-UFT, Curso de História, *Campus* de Araguaína-TO.

³ O nome de nossa colaboradora e do Projeto de Assentamento, presentes neste texto, são fictícios.

⁴ As duas primeiras se destacaram na luta pela terra, atuando, respectivamente, na década de 60 e 80, na Paraíba, junto ao sindicato dos trabalhadores rurais, após a morte de seus maridos. A primeira, viúva de João Pedro Teixeira, líder das Ligas Camponesas e protagonista do documentário “Cabra marcado para morrer”. A segunda foi assassinada à mando de latifundiários na cidade de Alagoa Grande, interior da Paraíba. Já a terceira, na década de 90, atua com seu companheiro José Rainha em prol da Reforma Agrária.

⁵ NOVAES, R.R. (2002). **Três mulheres de luta: notas sobre o campesinato e Reforma Agrária no Brasil**. In: CHEVITARESE, A. L. (org). *O Campesinato na História*. Rio de Janeiro: FAPERJ, pp. 233-241.

⁶ SALES, I. C. (1998). **Educação Popular: uma perspectiva, uma forma de atuar**. Pernambuco. (Mimeo)

⁷ Para Szymansky (2003) “...aquele que se organiza em torno da mulher quando não há um companheiro, mas assume uma forma patriarcal quando há...”.

⁸ FREIRE, P. (1987). **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

⁹ IENO NETO, Genaro; BAMAT, Thomas (Coord.) (1998). **Qualidade de Vida e Reforma Agrária na Paraíba**. João Pessoa: UNITRABALHO/UFPB.

¹⁰ FREIRE, P. (1987). Op. cit.

¹¹ MIELE, Neide; GUIMARÃES, Flávia Maia (1998). **As Mulheres nos Assentamentos Rurais: o antes e o depois**. In: *Qualidade de Vida e Reforma Agrária na Paraíba*. Org. Thomas Bamat e Genaro Ieno Neto. João Pessoa: UNITRABALHO/UFPB.

¹² CARLOS, A. F. A. (1996). **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec.

¹³ SILVA, E. (2004). **O Espaço Vivido e as Territorialidades: por uma geografia do afeto**. Universidade Federal do Tocantins, UFT. Araguaína. (Mimeo)

¹⁴ FREIRE, P. (1987). Op. cit.

¹⁵ ARIÈS, P. (1978). **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara.

¹⁶ Poster (1979 apud SZYMANSKI, 2003).

¹⁷ SIMONIAN, L.T.L. (2003). **Reflexiones sobre la familia en la frontera amazónica: Idealizaciones, Contradicciones y tendencias actuales**. In: *FAMILIA, GÉNERO Y ANTROPOLOGÍA. DESAFÍOS Y TRANSFORMACIONES*, Bogotá: Patricia Tovar Rojas Editora.

¹⁸ CALDART, R. S. (2000) **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Rio de Janeiro: Vozes.

¹⁹ SCOTT, J. (1990). **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. *EDUCAÇÃO E REALIDADE*, Porto Alegre, 16 (2):5-22, jul./dez.